

DUARTE, CINTIA PEREZ; SILVA, LUCIANA COLTRI; VELLOSO, RENATA DE LIMA. (ORG.) **ESTRATÉGIAS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO**. SÃO PAULO: MEMNON, 2018.

RESENHA

Marília Bazan Blanco¹

Ana Paula Gonçalves Arantes Gennari²

O livro “**Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo**” contempla experiências de vários profissionais preocupados em divulgar a Análise do Comportamento (AC) no atendimento de pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), uma vez que no Brasil as publicações sobre a temática ainda são incipientes. Esta obra foi organizada por Cintia Perez Duarte³, Luciana Coltri Silva⁴ e Renata de Lima Velloso⁵, sendo descritas as características e os conceitos para que o leitor pudesse avaliar e planejar adequadamente as intervenções. Para tanto, apresenta-se estruturada em uma introdução e dezenove capítulos.

Na “Introdução”, Duarte, Silva e Velloso mencionam brevemente sobre o diagnóstico de TEA e enfatizam que há diversas abordagens terapêuticas que comprovam a eficácia da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para o trabalho com indivíduos com TEA. Além disso, esclarecem que uma boa estratégia requer a avaliação do contexto no qual o comportamento ocorre, bem como dos eventos antecedentes, das variáveis motivacionais e das consequências. O registro durante e depois da intervenção faz-se pertinente para posterior análise do progresso individual e para a tomada de decisões, de tal modo que tanto o repertório comportamental seja ampliado quanto seja diminuída a frequência/intensidade de comportamentos indesejáveis ou pouco adaptativos.

¹ Docente do Programa de Pós Graduação em Ensino - Mestrado Profissional da Universidade Estadual do Norte do Paraná PPGEN – UENP.

² Mestre em Ensino pelo PPGEN - UENP /Professora Pedagoga da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná.

³ Psicóloga, mestre e doutora em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Sócia fundadora da NEXO Intervenção Comportamental.

⁴ Mestre e doutoranda em Distúrbios do Desenvolvimento na (UPM). Psicóloga coordenadora na clínica Nexo Intervenção Comportamental.

⁵ Fonoaudióloga, Mestre e Doutora em Distúrbios do Desenvolvimento pela (UPM). Sócia fundadora da NEXO Intervenção Comportamental.

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2019.v6n2.09.p127>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

No Capítulo 1 – “Importância do uso de protocolos de avaliação e elaboração de currículo”, Carolina Kracker comenta que há uma variedade de manuais que auxiliam na sistematização do planejamento de intervenções baseadas em ABA para o atendimento de pessoas com TEA. Com a intenção de prover critérios capazes de auxiliar o leitor na escolha de manuais mais apropriados, analisou comparativamente três deles: “[...] Passo a Passo, Seu Caminho: Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas; *Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program – VB-MAPP* e *Social Skills Solutions: a Hands-on Manual for Teaching Social Skills to Children with Autism*”.

No Capítulo 2 – “Avaliação de reforçadores”, Roncati *et al.* (2018) explicam que os educadores precisam programar bons reforçadores como consequências dos comportamentos adequados de seus aprendizes. As autoras argumentam que a identificação de reforçadores para um indivíduo divide-se em: avaliação de preferências e avaliação de reforçadores.

No Capítulo 3 – “Esquemas de reforçamento e o uso de economia de fichas”, Durigon e Matheus (2018) discorrem sobre a utilização de reforçadores: primários ou incondicionados, condicionados e generalizados, assim como sobre a técnica de economia de fichas para o ensino e a manutenção de comportamentos, isto pois, tais fichas servem como consequências padronizadas para a promoção de comportamentos sociais, de autocuidado e de comportamentos em ambiente clínico.

No Capítulo 4 – “Procedimentos de dicas e correções de erros: para que servem e como utilizar?”, Hora (2018) conceitua *Prompt* ou dica como a ajuda necessária ofertada ao aluno para aumentar a probabilidade de ocorrência da resposta correta. Quanto aos procedimentos de correção de erros, Hora (2018, p. 121) argumenta que estes podem ser divididos entre os que requisitam a participação ativa do aluno, como por exemplo: Resposta Ativa do Aluno, Ensaio Dirigido e Procedimento de Correção de Erros em 4 passos e os que são implementados apenas pelo professor: Ausência de Consequência/Comentário, *Feedback* Vocal e Modelação. O Capítulo 5 – “Ensino por tentativas discretas” de Silva, L. e Matsumoto (2018, p. 128), apresenta os cinco momentos do treino: antecedente, dicas, resposta, consequência e generalização.

No Capítulo 6 – “Ensino em ambientes naturais”, Kenyon (2018) informa que este tipo de ensino utiliza o interesse do indivíduo e deve seguir os seguintes passos: “a) o arranjo de um ambiente que tenha itens que sejam interessantes para o outro; b) a espera que o outro inicie uma interação [...]; c) o incentivo ou a dica para que o outro elabore o conteúdo da conversa; e d) o acesso ao item de interesse” (p. 140). Dentre os procedimentos, pode-se citar: o treino incidental, a análise verbal aplicada e o modelo de linguagem natural.

O Capítulo 7 – “Modelagem” fornece um panorama quanto ao desenvolvimento deste procedimento, de modo a discutir as práticas para a sua aplicação. Teixeira e Emirich-Geraldo (2018) elucidam que o profissional deverá ter clareza sobre a resposta que deseja modelar no repertório da pessoa com TEA, definir quais são as topografias fundamentais até a aprendizagem da resposta desejada e identificar os estímulos reforçadores, que é imprescindível para a adesão da criança ao procedimento. Dentre as estratégias, Teixeira e Emirich-Geraldo (2018, p. 158) aconselham o “reforço diferencial de comportamentos alternativos [...] (DRA) e o reforço diferencial de outros comportamentos [...] (DRO)”.

No Capítulo 8 – “Modelação e videomodelação”, Lobato, Nogueira e Santos (2018) arrazoam sobre os resultados promissores relacionados ao uso de procedimentos de modelação e

videomodelação para a manutenção e a generalização de comportamentos ensinados às pessoas com TEA.

No Capítulo 9 – “Análise de tarefas e encadeamento”, Varella (2018) debate sobre procedimentos de encadeamento para frente, encadeamento de trás para frente e apresentação total da tarefa, associados ou não às tecnologias de ensino, tais como: videomodelação, *feedback* instrutivo e discriminações condicionais. O Capítulo 10 “Uso de pistas visuais”, cita alguns procedimentos que obtiveram resultados positivos quanto à modificação de comportamentos e aprendizagem por meio do uso de pistas visuais.

No Capítulo 11 “Equivalência de estímulos”, Canovas (2018) explana sobre os conceitos e estudos baseados no paradigma de equivalência de estímulos proposto por Sidman e Tailby e Sidman e assevera que os procedimentos pautados neste paradigma são partes importante dos currículos individualizados, sendo fundamental o seu conhecimento pelos analistas do comportamento.

O Capítulo 12 “Avaliação e intervenção em casos de comportamento agressivo e autolesivo” de Rey (2018) visa discutir a redução de tais comportamentos, abordando a seleção da resposta e análise funcional para planejamento da intervenção. No Capítulo 13 “Estratégias para manejo da estereotipia”, Rocha e Duarte, V. (2018) apontam que há inúmeras intervenções comportamentais operantes baseadas em evidência que contribuem para a diminuição de comportamentos restritos e repetitivos, tais como: reforço positivo não social; reforço negativo não social ou reforço negativo automático; e reforço mediado socialmente.

No Capítulo 14 “Estratégias para treino de toalete”, Guimarães (2018) assevera que não há uma única forma de treinar o uso adequado do banheiro. Por isso, deve-se observar as variáveis para desenvolver um protocolo de treino individualizado. No Capítulo 15 “Estratégias para alterações relacionadas ao sono”, Silva, L. e Mira (2018) apresentam dois exemplos de casos resolvidos por meio de estratégias em ABA. Todavia, as autoras advertem que as intervenções são individuais e devem partir da análise funcional comportamental, de modo a atender às demandas e objetivos de cada família.

No Capítulo 16 “Intervenção comportamental para problemas relacionados à alimentação”, Duarte, C. e Hora (2018) abordam que indivíduos com TEA são acometidos por transtornos alimentares e seletividade alimentar. Enquanto procedimentos e estratégias, as autoras mencionam a combinação do reforço positivo à extinção de fuga, assim como recomendam o uso de utensílios que facilitem a condução de procedimentos específicos.

No Capítulo 17 “Intervenção em grupo para o desenvolvimento de habilidades sociais”, Brasileiro e Pereira (2018) apresentam princípios e procedimentos gerais de modificação de comportamentos, bem como exemplos de intervenções encontrados na literatura para o desenvolvimento de habilidades sociais, tais como: o uso de estratégias respondentes; o ensino de regras sociais por meio da utilização de scripts, de histórias sociais, de indução e modelagem de autorregras; Modelação; Modelagem; Generalização; Treino de Habilidades Sociais em Grupo.

No Capítulo 18 “Orientação e treino de pais”, Bagaiolo e Pacífico (2018) discutem quão valorosa é a capacitação de pais. Para tanto, o analista do comportamento deverá trabalhar com um modelo viável e eficaz, de modo que os pais possam ensinar novas habilidades, além de manejar comportamentos desafiadores de indivíduos com TEA. As autoras apresentaram

um modelo, o qual propõe que o treino parental ocorra com número reduzido de encontros e deslocamentos, voltado para as demandas urgentes dos pais de indivíduos com TEA.

No Capítulo 19 “Generalização”, Duarte, C., Silva, N. e Velloso (2018) expõem diferentes estratégias para generalização do comportamento: Treinar e esperar; Modificação sequencial; Treino de exemplares suficiente; Treino livre; Uso de contingências indiscriminadas; Programação de estímulos comuns; Generalização mediada; Treinar “como generalizar”; Ensinar estímulos relevantes e possibilidades de respostas; Tornar o ambiente de ensino similar ao ambiente-alvo; Maximizar o contato com reforçadores no ambiente-alvo; Generalização mediada; Treinar o outro a generalizar.

Este livro foi proposto com a finalidade de contribuir para o avanço na área do tratamento de pessoas com TEA por meio da AC, de modo a propiciar a qualidade de vida e bem estar destas pessoas, bem como das famílias que convivem com essa condição. Para isso, Duarte, Silva e Velloso reuniram pesquisas que confirmam que o manejo das variáveis antecedentes e das consequências, bem como o conhecimento teórico, a capacitação e a experiência de profissionais embasadas na perspectiva analítico comportamental tem possibilitado avanços no tratamento de pessoas com TEA. Assim, este material pode ser indicado aos pais e responsáveis, psicólogos, terapeutas educacionais, fonoaudiólogos, cuidadores, educadores, médicos e interessados no ensino de estratégias de ABA pessoas com autismo.

Recebido em: 24 de julho de 2019

Modificado em: 26 de setembro de 2019

Aceito em: 02 de outubro de 2019